

## A construção de sentidos em charges sobre o mensalão: um olhar bakhtiniano

### The construction of meanings in charges about “mensalão”: through the bakhtinian dialogical theory

Gislaine Machado Jerônimo\*  
Kelli da Rosa Ribeiro\*\*

**RESUMO:** A charge é um gênero discursivo que apresenta relação estreita entre o dito e o não dito, bem como entre aspectos verbais e visuais. Questionamos como esses elementos se entrelaçam e formam sentidos, à luz da teoria dialógica bakhtiniana. Nosso objeto de estudo são charges que trazem um olhar crítico sobre a política brasileira, mais especificamente sobre o MENSALÃO. Para tanto, lançamos mão de conceitos como relações dialógicas, plurilinguismo, vozes sociais, gêneros do discurso e discurso na vida (entoação, gesto, herói, entimema, horizonte espacial). A charge embora seja um discurso conciso e curto, se constrói no entrelaçamento de elementos verbais e extraverbais. Desse modo, configura um texto bastante complexo, crítico e essencialmente dialógico. Devido a tais características, os conceitos da teoria bakhtiniana, dos quais nos valem, se mostram eficientes na construção de um alicerce profundo para uma análise dos sentidos que emergem da charge. Assim, através deles, é possível melhor compreender as valorações sociais, as quais atravessam os discursos que envolvem política e corrupção no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construção dos sentidos. Relações dialógicas. Charges. Mensalão.

**ABSTRACT:** The charge is a discursive genre that presents a close relation between what is said, and what is unsaid, as well as, between the verbal and visual aspects. We ask ourselves how these elements are engaged and form meanings, through bakhtinian dialogic theory. Our objects of study are charges about brazilian politics, more specifically, about MENSALÃO (“mensalão” scandal: a montly bribe paid to members of the Brazilian Congress). For that, we used concepts such as dialogic relation, social voices, multilinguism, discursive genre and discourse in life (intonation, gesture, hero, enthymeme, spatial horizon). Although the charge is a short and concise discourse, it builds itself on the interweaving of verbal and extraverbal elements. Thus, it configures a complex, critical and essentially dialogical text. Due to these characteristics, the concepts of bakhtinian’s theory, the ones that we followed, have proved effective in building a foundation for a deep analysis of the charge. So, through them, it is possible to understand the social valuations that permeate the discourses which involve politics and corruption in Brazil.

**KEYWORDS:** Constructions of the meanings. Dialogic relation. Charges. Mensalão.

\* Doutoranda e Mestre em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista de doutorado do CNPq. Possui experiência e desenvolve pesquisa em Teoria e Análise Linguística. Membro da Comissão Editorial Executiva da Revista Letrônica do PPGL da PUCRS.

\*\* Doutoranda e Mestre em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista de doutorado do CNPq. Especialista em Linguística e Ensino de Português pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Membro da Comissão Editorial Executiva da Revista Letrônica do PPGL da PUCRS. Possui experiência e desenvolve pesquisa na área de Linguística em interface com as áreas da Comunicação Social, Sociologia da Religião, Educação e Filosofia.

## 1. Palavras iniciais

O pensamento do Círculo de M. Bakhtin é grandioso, crítico e, por isso, rompeu com vários paradigmas de pesquisa em Ciências Humanas. Por ser um pensamento filosófico sobre diversas questões que envolvem sujeito, sociedade e linguagem, suas concepções não se enquadram nas fronteiras de uma disciplina ou outra. E nessa linha, Bakhtin, em uma de suas primeiras obras, *Para uma filosofia do ato responsável* ([1920], 2010), critica a dualidade entre o mundo da teoria e o mundo da vida, uma vez que no primeiro não se considera a historicidade viva, a existência dos seres únicos e irrepetíveis. Bakhtin ([1920], 2010), em suas próprias palavras - na obra *Para uma filosofia do ato responsável*, não se vê como um classicista, tampouco um filólogo, ele se vê como um filósofo - um pensador. E, enquanto pensador, Bakhtin, no decorrer de sua obra, considera a unicidade do evento, a alteridade entre o *eu* e o *outro*, a dialogicidade por natureza, entre outros importantes postulados.

Bakhtin enfatiza, mais de uma vez, em diferentes textos de sua obra, a respeito da ligação intrínseca entre o enunciado concreto e a *vida*, ressaltando que os sentidos são construídos nas e pelas relações dialógicas entre enunciados e os diversos já-ditos sociais. Para o autor as relações dialógicas se dão por meio do discurso, mas tal discurso não pode se apartar da vida. Uma vez desvinculado dela, o discurso perde sua significação (VOLOSHINOV (1926 [s.d.])).

Nosso interesse por tal teoria se dá devido à riqueza das reflexões bakhtinianas às relações dialógicas, as quais incluem uma concepção de enunciado (concreto) que vai além das formas da língua, abarcando assim o verbal e o não verbal, o linguístico e o não linguístico. É esse olhar que procuraremos atribuir ao nosso objeto de estudo aqui – a charge. Selecionamos charges sobre o discurso político do MENSALÃO, do ano de 2012. Essa escolha se deu por estarmos em um momento de efervescente discussão sobre assuntos de cunho político no Brasil. Para além dos inúmeros aspectos negativos e já bem conhecidos do MENSALÃO, a discussão sobre a punição dos envolvidos no escândalo, em especial, denota um tom revolucionário ao cenário político do nosso país, pois do ano de 2012 para cá esse foi um marco - o primeiro de muitos outros movimentos contrários à corrupção e impunidade na política brasileira.

A presente análise possibilita a reflexão crítica a respeito dos fatos que envolvem nossa política, especialmente no que tange ao MENSALÃO, permitindo que se compreenda de que forma um discurso crítico como é a charge aborda e avalia tal tema. Do ponto de vista teórico

é relevante, pois permite a aplicação de conceitos teóricos da obra de Bakhtin em discursos reais e vivos que circulam na esfera social e diariamente interpelam os sujeitos.

Nosso objetivo é buscar nas ideias do Círculo de Bakhtin elementos que mostrem como se dá a construção de sentidos na charge. Partimos, assim, dos seguintes questionamentos: como o discurso verbal na vida se relaciona com a situação extraverbal que o engendra? De que forma aspectos valorativos (entoacionais) entram em jogo nos discursos chárgicos? Como as vozes sociais entram em relações dialógicas nos discursos? Que sentidos reverberam do contato (tensão) entre já-ditos sociais e aspectos verbais e não verbais mobilizados nas charges?

Para tanto, organizamos a nossa exposição em quatro seções. Nessa primeira, trazemos algumas palavras iniciais, justificativa e objetivo do trabalho. Na seção dois, elucidamos alguns aspectos teóricos, versando sobre os gêneros textuais e a formação discursiva, o discurso na vida, e a problemática do mensalão. O objeto de estudo é explicitado na seção três, assim como os procedimentos metodológicos adotados na análise. E, por fim, na seção quatro, tecemos algumas considerações finais, avaliando em que medida atendemos ao nosso objetivo inicial e deixando um convite a novos olhares sobre os enunciados estudados.

## **2. Iniciando o diálogo inconcluso com Bakhtin...**

A construção dos sentidos na visão do Círculo de Bakhtim<sup>1</sup> se dá de uma forma bastante elaborada. Bakhtin desenvolve inúmeras reflexões em diversos conceitos sobre a linguagem que se tornaram muito importantes atualmente na área dos estudos do discurso, visto que tais elaborações colocam a linguagem como, essencialmente, viva, dinâmica e estreitamente vinculada às diversas atividades humanas na sociedade. Abordaremos apenas alguns destes conceitos, os quais serão retomados posteriormente em nossa análise: relações dialógicas, plurilinguismo e vozes sociais. Na sequência, esclareceremos cada um deles.

Na amplitude postulada pela teoria bakhtiniana, a linguagem em uso é vista como um diálogo sem conclusão e inacabável, pois parte de diversas enunciações já ditas no meio social. Nesse movimento essencialmente dialógico e tenso participam ativamente o locutor e o

---

<sup>1</sup> O Círculo de Bakhtin, postumamente denominado dessa forma, era composto por profissionais de diversos campos do conhecimento que tinham ideias em comum. Havia entre o grupo biólogo, pianista, filósofo, professor, entre outros. As ideias essenciais que perpassavam as obras dos estudiosos eram a preocupação com a filosofia e a reflexão sobre a linguagem. É importante destacar que os principais nomes representantes das ideias linguísticas do Círculo eram Mikhail Bakhtin, o líder, Valentin Voloshinov e Pavel Medvedev (FARACO, 2009, p. 13).

interlocutor que atribuem ao enunciado sempre um novo sentido, um novo valor axiológico (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 98). Por isso, conforme o pensamento bakhtiniano, não há limites e nem fronteiras para o contexto dialógico dos discursos, assim como não pode haver a primeira nem a última palavra proferida.

Em vista dessa questão, o Círculo, para explicar o princípio dialógico de todo o discurso, ressalta que a palavra comporta duas faces: uma face da palavra se refere ao fato de que ela procede de alguém e a outra face se refere ao fato de que ela se dirige para alguém. Esse processo acontece em todas as dimensões possíveis da vida da linguagem, pois, como destaca Bakhtin/Volochinov,

toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. (...) A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.<sup>2</sup> (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 17)

Observamos tal “ponte” em qualquer discurso, pois todas as enunciações estão impregnadas com essa relação de interdependência entre locutor – interlocutor. Desde uma simples conversa cotidiana, até um texto científico, filosófico ou judiciário apresentarão palavras não inéditas, palavras repletas de outras enunciações, avaliadas e reavaliadas por essas enunciações. Enfim, nos discursos encontramos palavras de outros, dirigidas e projetadas a outros, esperando suas possíveis respostas, como se fosse um grande e eterno diálogo inconcluso.

Bakhtin, em *Problemas da Poética de Dostoievski* (BAKHTIN, 1999), aponta dois tipos de relações de sentidos que se instauram nos discursos: as relações lógicas e as relações dialógicas. O filósofo explica que as relações lógicas ocorrem entre os elementos fonéticos, lexicais, sintáticos e semânticos, se tornando relações dialógicas somente no momento em que se materializam, recebendo um autor e sua posição avaliativa. Nesse sentido, ocorrem relações dialógicas entre “enunciações integrais (relativamente)” (BAKHTIN, 1999, p. 210) e acontecem ainda relações dialógicas entre pontos de vista sobre o objeto do discurso (daquilo que se fala no discurso).

A partir disso, entendemos que as relações dialógicas acontecem em duas dimensões: no interior do enunciado, ou seja, os signos ideológicos mobilizados no enunciado se

---

<sup>2</sup> Grifos do autor.

engendram e dialogam tensamente, a fim de refletir e refratar sentidos no discurso. O jogo de reflexos e refrações do enunciado concreto é atravessado por relações dialógicas reverberadas de outros enunciados proferidos na sociedade, e os sentidos desses enunciados, então, se interconectam nas diversas esferas da atividade humana e são materializados nos diferentes gêneros do discurso, mantendo entre si relações que ultrapassam as relações lógicas dos elementos abstratos da língua.

As relações dialógicas inscritas na linguagem fazem com que vozes sociais atravessem os discursos, criando diversos efeitos de sentidos na interação sócio-verbal. Para Bakhtin, essas vozes são pontos de vista que se inter-relacionam e formam a unidade do discurso, tomado na sua natureza puramente dialógica. Esses diálogos sociais trazem consigo acentuações e valorações que ao longo da história social da língua em evolução se solidificaram nos discursos dos locutores. Dessa forma, o autor salienta que o objeto do discurso “está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros” (BAKHTIN, 1998, p. 86). O discurso, então, orienta-se para seu objeto e “penetra nesse meio dialogicamente tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações” (BAKHTIN, 1998, p. 86).

Assim, o diálogo a que a teoria bakhtiniana se refere está longe de ser uma forma apaziguadora de conflitos sociais. Sobre isso, o próprio Bakhtin afirma que o meio em que nasce o discurso é dialogicamente tenso, pois vozes já carregadas de valores e acentos refletem e refratam sentidos nas enunciações proferidas (BAKHTIN, 1998, p. 86). Cada locutor, portanto, assume uma posição em relação ao objeto, discordando simultaneamente de outras posições e concordando com outras tantas vozes.

Em meio a essa atmosfera tensa de discursos ocorre na linguagem um fenômeno que Bakhtin (1998, p. 133) denomina de plurilinguismo, em que vozes de outros discursos ressoam no enunciado concreto. Tais vozes se articulam formando uma espécie de andaime que sustenta o discurso, tendo em vista o momento social e histórico da enunciação. Aliás, segundo o viés bakhtiniano, é importante frisar a importância social que a linguagem desempenha, criando no locutor a capacidade de se engendrar numa cultura, numa ideologia.

Com efeito, não podemos deixar de mencionar a relação do dialogismo em Bakhtin com a questão filosófica do *outro*, da alteridade. No campo discursivo, o locutor e o interlocutor constroem cada qual um universo de valores em que ambos atribuem sentidos às enunciações. A relação de alteridade entre os discursos e os sujeitos caminha ao lado da noção de dialogia,

pois não se concebe a produção de linguagem sem a consideração do outro e da sua resposta ativa e responsiva.

Frente às elaborações feitas a respeito da natureza da linguagem à luz do Círculo de Bakhtin, podemos afirmar que o dialogismo de que trata o autor russo é o princípio constitutivo de toda a linguagem em uso e, sobretudo, é a condição do sentido para o enunciado concreto, estabelecido pela interação entre os sujeitos locutores e interlocutores com o discurso proferido. Para finalizar é importante retomarmos a discussão inicial sobre as relações dialógicas, salientando que a comunicação só pode existir na reciprocidade do diálogo, levando-se em consideração os aspectos sócio-histórico-culturais que envolvem esse processo.

Além da discussão a respeito de relações dialógicas realizada nessa seção, apresentaremos, na sequência, outros aspectos teóricos que perpassam a obra bakhtiniana. Na próxima seção, elucidaremos alguns tópicos a respeito dos gêneros do discurso e da formação discursiva na charge. Em seguida, faremos uma exposição de aspectos relevantes do discurso na vida - sua relação com a charge, e, por fim, trataremos do discurso político do MENSALÃO.

## 2.1 Sobre os gêneros do discurso e a charge: algumas considerações

A etimologia da palavra *gênero* remonta à base indo-europeia, vem de *gen-* que significa ‘gerar’, ‘produzir’. Do latim, tem relação com o substantivo *genus* ou *generis*, significando linhagem, estirpe, raça, povo; e o verbo *gigno, ginui, genitum, ginere* que também significa gerar, criar, provir, produzir. Gênero, assim, pode ser utilizado para designar diferentes textos, uma vez que vem de linhagem, de criar, de produzir (FARACO, 2009, p. 122).

Em uma pesquisa sobre utilização da palavra gênero, Faraco (2009) revela que a mesma vem sendo referida desde os gregos, que parecem ter sido os primeiros a utilizá-la. Platão, na obra *III da República* divide a mimese em três modalidades. Aristóteles, na *Arte Retórica* e na *Arte Poética* sistematiza o gênero. Na primeira obra, Aristóteles trata dos gêneros retóricos: o deliberativo, o judiciário e o epidítico. Já na segunda obra, Aristóteles tratou das propriedades dos gêneros tragédia e epopeia.

Na visão de Bakhtin (2011), o gênero se manifesta no uso concreto da linguagem, nascendo sempre a partir de uma função social. Para o autor, os gêneros discursivos são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, “formas relativamente estáveis e normativas do enunciado”. A diversidade de gênero é infinita, uma vez que não se esgotam as possibilidades da “multiforme atividade humana”. E a estabilidade se dá na medida em que o gênero conserva

traços que o identificam como tal. No entanto, ele também é mutável porque está em constante transformação, podendo se alterar a cada evento enunciativo e podendo até se transformar em outro gênero. É a expressão “relativamente” que marca o seu caráter mutante, enquanto as expressões “formas”, “estáveis” e “normativas” marcam o seu aspecto estável (SOBRAL, 2009).

O gênero discursivo surge por uma necessidade sócio-histórica e está ligado a um espaço social, que Bakhtin (2011) denomina de esfera da atividade (lugar – não físico – de recorte sócio-histórico –ideológico do mundo, das relações específicas entre os sujeitos). Relativo a esse espaço, o autor estabelece uma divisão dos gêneros em primário e secundário. Os gêneros primários se originam na esfera cotidiana, modalidade menos complexa, advindo de interações verbais espontâneas, que não necessita ser elaborado em um ambiente cultural.

Já os gêneros secundários são mais complexos, são gêneros ideologicamente constituídos – charge, romance, drama, pesquisas científicas de toda a espécie, entre outros. Os gêneros secundários absorvem e transmutam os primários, sem que isso deixe de trazer suas marcas. Assim, os gêneros primários se transformam e adquirem um caráter especial, perdendo o vínculo com a realidade concreta e os enunciados reais alheios (BAKHTIN, 2011).

Considerando nosso objeto de estudo - no que tange aos gêneros - convém inicialmente diferenciar *charge* de *cartoon* e *tira*, pois são todos gêneros textuais diferentes. Ao contrário da *charge*, que sempre é uma crítica contundente, o *cartoon* retrata situações mais corriqueiras do dia-a-dia da sociedade. Mais do que um simples desenho, a *charge* é uma crítica político-social, onde o artista deixa entrever graficamente sua visão sobre determinadas situações cotidianas, através do humor e da sátira (SILVA, 2005).

Já a *tira* pode ter várias tipologias em sua forma composicional, tais como a narrativa, argumentativa, injuntiva ou expositiva. A *tira*, assim como a *charge*, geralmente circula na esfera da mídia, como em jornais e revistas, por exemplo. Um dos objetivos da *tira* em quadrinhos, segundo Eguti (2001), é narração de fatos, os quais são mostrados através de elementos verbais e não verbais, sendo importante a conexão desses dois elementos para conferir o entendimento.

A *charge* é um termo francês, que significa exagerar traços de caráter de alguém a fim de torná-lo *burlesco*. Nesse estilo de ilustração, caracterizado como um gênero secundário, o objetivo é satirizar por meio de uma caricatura algum acontecimento atual (SILVA, 2005). Desse modo, o gênero *charge* torna-se bastante propício para a realização de críticas políticas,

em especial, no Brasil, já que a mesma é um texto aparentemente desprezioso, porém carregado de crítica de acontecimentos reais. Diferentemente de gêneros da esfera artística que se enquadrariam no discurso da arte, a charge enquadra-se no discurso na vida por tratar criticamente de temas que estão diretamente ligados à vida cotidiana dos sujeitos.

A seguir, na segunda parte desta seção, discutiremos mais a respeito das relações de sentidos que se estabelecem na charge, partindo-se de questões teóricas do Círculo de Bakhtin que tratam da constituição do discurso na vida.

## **2.2 Sobre o discurso na vida: de que forma ele pode nos ajudar a compreender a charge?**

Uma das grandes contribuições da reflexão bakhtiniana sobre a linguagem é a estreita ligação que o filósofo russo faz ao longo de suas obras entre a vida e o discurso. Segundo Bakhtin (2011, p. 265) “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam)”, isto é, a vida entra na língua por meio do enunciado e nesse enunciado abre-se um espaço dialogicamente tenso de comunicação entre locutor e interlocutor. O enunciado, assim, pertence sempre a um sujeito sócio histórico imerso em valores sociais e na intensa e inesgotável relação com o outro. Na verdade, o que Bakhtin e seu Círculo pretendem mostrar através dessas discussões é o vínculo orgânico entre o enunciado, “unidade real da comunicação discursiva” e a vida dos sujeitos que em diversas interações utilizam a língua de forma viva e dinâmica (BAKHTIN, 2011, p. 274).

Para compreender a charge, é importante atentar-se para esse discurso atrelado à vida, onde o verbal e o extraverbal se entrelaçam e se tornam indissociáveis. Esse discurso – o da vida - não é autossuficiente, pois ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém uma relação de proximidade com ela. Se o discurso for desvinculado da vida, perde a seus sentidos (VOLOSHINOV, 1926 [s.d.], p. 4). Desse modo, a questão que permeia esse percurso é: como relacionar o discurso verbal na vida com a situação extraverbal que o engendra?

Uma das formas é a *entoação do enunciado*, visto que ela preenche o vazio semântico de algumas palavras e atribui valor a outras. Outra é o *contexto extraverbal* que atribui à palavra um significado para o ouvinte e que se divide em: a) *horizonte espacial comum dos interlocutores*; b) *conhecimento e compreensão comum da situação por parte dos interlocutores* e c) *avaliação comum da situação*. A união desses elementos do *contexto extraverbal* constitui o *horizonte espacial e ideacional* compartilhado pelos falantes (VOLOSHINOV (1926 [s.d.])).



No que tange à *entoação*, segundo Voloshinov (1926 [s.d.]), de fato, ela não é passiva, pois pode transmitir insatisfação, reprovação, indignação, confirmação, entre outros sentimentos. Ela encontra-se na fronteira entre o verbal e não-verbal e, assim, o discurso entra em contato com a vida. Podemos, desse modo, estabelecer duas orientações da entoação; na primeira, o interlocutor é tido como um aliado ou testemunha; na segunda, o objeto do enunciado é visto com um terceiro participante vivo, a quem ela agrada, denigre ou engrandece. Contudo, ela não se dirige ao interlocutor, mas a um terceiro participante, chamado *herói*. Há uma tendência de a entoação dirigir-se, por trás de objetos e fenômenos inanimados, a participantes animados e agentes na vida, isto é, há uma tendência à personificação.

Aliado a entoação, o *gesto* introduz o herói, isto é, o tema/tópico que será tratado. Por sua vez, o gesto carrega o germe do ataque ou da defesa, da ameaça ou do carinho, com o contemplador ou ouvinte que possuem um papel de aliados ou testemunhas. O gesto, tanto quanto a entoação, requer o apoio coral das pessoas circundantes. Ainda, segundo Voloshinov (1926 [s.d.]), quando uma pessoa entoa e gesticula, ela assume uma posição social ativa com respeito a certos valores específicos que são condicionados pelas próprias bases de sua existência social.

No tocante ao assunto, Voloshinov (1926 [s.d.]), levanta outro importante questionamento: como relacionar o dito com o não-dito? Para o autor o discurso na vida reflete a situação extraverbal do modo como um espelho reflete um objeto e o enunciado concreto une os participantes de determinada situação como co-participantes que conhecem, entendem e avaliam a situação. Consequentemente, um enunciado concreto compreende: a *parte percebida* ou realizada em palavras e a *parte presumida*. Nesse sentido, o enunciado concreto pode ser comparado ao *entimema*<sup>3</sup>.

Podemos presumir apenas o que todos nós falantes sabemos, vemos e amamos; o que eu vejo, conheço e amo não pode ser presumido. Portanto, o “eu” pode realizar-se verbalmente apenas sobre a base do “nós”. Desse modo, cada enunciado nas atividades da vida é um *entimema* social objetivo (VOLOSHINOV, 1926 [s.d.]).

O enunciado (concreto) igualmente não pode separar-se do contexto, caso contrário, perde toda a sua significação. Isso nos faz pensar, por exemplo, que muitas vezes se o sujeito desconhece o contexto pragmático imediato não compreenderá os enunciados em questão.

---

<sup>3</sup> Entimema: forma de silogismo em que uma das premissas não é expressa, mas presumida.

Tendo em vista essa reflexão, na terceira parte dessa seção, trazemos de forma breve algumas questões a respeito do contexto extra verbal das charges em estudo neste artigo.

### 2.3 Sobre o discurso político do MENSALÃO: um breve contexto

*Mensalão* - foi assim que ficou conhecido e popularizado o *esquema de compra de votos de parlamentares*, deflagrado no primeiro mandato do Ex-Presidente da República do Brasil - Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, mais conhecido pela sigla PT (DUARTE, 2007).

Foi o então deputado federal *Roberto Jefferson* quem popularizou o neologismo *mensalão* em entrevista que deu repercussão nacional ao escândalo. *Mensalão* vem de “mensalidade”, “mesada” paga (em torno de R\$ 30.000,00 reais) a deputados por votarem a favor de projetos de interesse do Poder Executivo. Nesse evento, Jefferson acusou o então Ministro da Casa Civil – *José Dirceu* - de ser o mentor do esquema. A mídia sensacionalista, por sua vez, adotou o termo para se referir ao caso. A primeira referência ao escândalo em importante veículo de comunicação, ocorreu no jornal Folha de S. Paulo, na matéria de 6 de junho de 2005.

Trata-se de um esquema bem organizado. Segundo Duarte (2007), um núcleo ficava responsável pela compra dos votos e também pelo suborno, por meio de cargos em empresas públicas. O Ministro da Casa Civil na época foi apontado como o chefe do esquema. *Delúbio Soares*, tesoureiro do PT, era quem efetuava o pagamento aos “mensaleiros”. Com o dinheiro em mãos, o grupo também teria saldado dívidas do PT e gastos com as campanhas eleitorais. *Marcos Valério* Fernandes de Souza, publicitário e dono das agências que mais detinham contrato de trabalho com órgãos do governo, seria o operador do *mensalão*. Valério arrecadava o dinheiro junto a empresas estatais e privadas e em bancos, através de empréstimos, os quais nunca foram pagos. *Fernanda Karina Somaggio*, ex-secretária do publicitário, foi uma das testemunhas que confirmou o esquema, o apelidando de “*valerioduto*”. Ainda outras figuras de destaque no governo e no PT também foram apontadas como participantes do *mensalão*, tais como: *José Genoio* (Presidente do PT), *Sílvio Pereira* (Secretário do PT), *João Paulo Cunha* (Presidente da Câmara dos Deputados), Ministro das Comunicações, *Luiz Gushiken*, Ministro dos Transportes, *Anderson Adauto*, e até mesmo o Ministro da Fazenda, *Antonio Palocci*.

O próprio Jefferson poupou o presidente das acusações, o qual negou conhecimento do caso. Desse modo, o Ex-Presidente Lula conseguiu se manter no cargo e se reeleger, em 2006.

Mas em 2007, mesmo depois de dois anos após a denúncia, o Supremo Tribunal Federal (STF) acatou a denúncia da Procuradoria e abriu processo contra quarenta envolvidos no escândalo, acatando praticamente todas as denúncias feitas contra os acusados. Em 2011, após o mandato de Lula, o relatório final da Polícia Federal confirmou a existência do mensalão e veio a público o relatório de 332 páginas comprovando o desvio de dinheiro público.

O julgamento do mensalão iniciou em 2 de agosto do ano de 2012. Até o dia 06 de dezembro do presente ano, já ocorreram 50 sessões, estando o caso em processo de finalização. O STF, em princípio condena 25 dos 37 réus, e atribui penas, que somadas, atingem 282 anos de prisão e multas de R\$ 22,7 milhões. O grande nome do *mensalão* tem sido o do Ministro do STF Joaquim Barbosa, o qual conquistou a opinião pública pela sua atuação no julgamento. Barbosa bravamente reverte o fato histórico de o STF, desde sua criação, em 1824, nunca ter condenado nenhum político.

### 3. Sobre o objeto de estudo: descrição e proposta de construção de sentidos

Nosso olhar, neste artigo, se volta para *charges* que de diferentes formas avaliam questões políticas, a respeito do MENSALÃO. Seleccionamos *charges* que contemplam quatro diferentes situações, as quais poderíamos classificar como quatro etapas do mensalão que configuram o próprio desenrolar do assunto na mídia em geral. As *charges* foram divididas, de maneira que pudéssemos discutir a respeito de cada uma das etapas desse caso político. A análise se procederá nas seguintes partes: 1) *Episódio comum na política brasileira* (seção 3.1); 2) *Episódio dos passaportes* (seção 3.2); 3) *Um novo herói brasileiro* (seção 3.3); e, por último, 4) *Fim da impunidade dos políticos* (seção 3.4). São todas *charges* que datam do mês de novembro e dezembro do ano de 2012 - veiculadas pelo Jornal das Charges.

A análise foi feita com base nos seguintes conceitos propostos por Voloshinov (1926 [s.d.]) em *O discurso na vida e o discurso na poesia*: a) *entoação*; b) *falante, interlocutor e herói (tópico)*; c) as relações entre o *dito* e o *não-dito* através da análise da *parte percebida* e da *parte presumida (entimema)*; e, por fim, d) *relações dialógicas* entre as *vozes sociais* que avaliam o *tópico* Mensalão. Buscamos, por meio da análise, entender de forma crítica a construção de sentidos nesse discurso que possui estreita relação com a vida e com os fatos cotidianos.

### 3.1 Episódio comum na política brasileira: os políticos e a mídia mudando o foco

Analisando as diversas vozes sociais que tratam da política brasileira, percebemos que em muitas a política em nosso país é caracterizada por demonstrar uma falta de seriedade, um descaso com as questões mais essenciais como saúde, educação e segurança. Cabe ressaltar, do mesmo modo, que entre os inúmeros adjetivos negativos, está o de corrupta. O escândalo do mensalão faz reverberar inúmeros discursos que vinculam a política à subversão das normas e ao famoso “jeitinho brasileiro”, circulando em diversas vozes sociais a ideia de ser comum a política brasileira estar vinculada a casos de corrupção. Assim, em relação tensa com essas vozes circulam ainda os já-ditos a respeito das variadas formas que os políticos envolvidos no escândalo encontram para desvirtuar o povo e continuar realizando suas práticas ilícitas.

O chargista, por meio de um texto bastante provocador, na **charge 1**, deixa entrever o diálogo com essas valorações sociais, utilizando elementos que enquadram o político brasileiro nesse contexto “comum” de corrupção e tentativas de passar despercebido pela mídia. Trata-se de uma crítica, que articula muito bem entre a linguagem *verbal* e *não-verbal*. O sentido é, assim, construído por meio do diálogo entre esses dois elementos. No elemento verbal, conhecemos os protagonistas, porém apenas como “acusados do mensalão”, pois os rostos não se mostram – não aparecem na sua individualidade. Conhecemos ainda a notícia do jornal que eles carregam “Brasil vai disputar ouro no futebol”. Mas é apenas na relação do *verbal* com o *contexto extra-verbal* que o engendra que esses elementos ganham sentido.

Percebemos nessa charge a entonação de concordância com as vozes que vinculam o futebol a uma grande importância social. Assim, entendemos que a fim de desviar a atenção do povo do escândalo do mensalão, para um acontecimento que diz respeito ao país como um todo - um assunto que é considerado paixão nacional, um *horizonte ideacional* compartilhado pelos interlocutores – a mídia (representada pela figura do jornal impresso) traz o futebol como principal pauta de assuntos a serem noticiados.



Figura 1: Charge 1

Fonte: Blog do Diário de Pernambuco (Cassio Zirpoli)

<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes/?p=66723> - Acesso em 20.11.12.

Não há falas nessa charge, mas a relação entre a *parte percebida* e a *parte presumida*, o *entimema*, fornece as pistas necessárias para o interlocutor construir os sentidos de que é mais importante noticiar fatos futebolísticos do que tratar da corrupção que acontece no país, na mesma época das Olimpíadas. Há uma tentativa igualmente de mudança do *herói* bakhtiniano, isto é, a charge deixa reverberar a ideia de que o mensalão deixa de ser o centro das discussões no país e passa o futebol a ocupar esse centro.

Para construir esse sentido, a charge cria uma cena de fuga, de políticos. Assim, num *gesto* de fuga, de passar despercebido, os políticos se escondem atrás das figuras dos jornais. Em outras palavras, escondem seus reais feitos atrás de notícias que desvirtuam o povo do olhar sob eles, na certeza da impunidade. É interessante salientar que há um enunciado na parte superior esquerda da charge que permite essa leitura, pois fica evidente ao interlocutor que “Acusados do mensalão” são aquelas figuras (os políticos envolvidos no escândalo) escondidas atrás dos jornais, atrás das notícias do futebol.

Há também presente nesta charge uma *relação dialógica* de discordância com a própria esfera midiática que acaba contribuindo para a alienação do povo, uma vez que em tempos de corrupção na política, os meios de comunicação e suas diversas vozes parecem enfatizar mais a importância do futebol do que a situação dos políticos envolvidos no mensalão. Nesse sentido percebemos a ideia de que os políticos criam um círculo de (maus) feitos vicioso, que passa a ser corriqueiro no nosso país, ou seja, essa ideia se cristaliza e passa circular nos diferentes discursos.

### 3.2 Episódio dos passaportes

A esfera midiática, em diversos gêneros do discurso, fez circular, ao longo do julgamento do mensalão, inúmeros discursos envolvendo o Ministro Joaquim Barbosa e sua determinação da apreensão de passaportes - inclusive de estrangeiros - dos acusados envolvidos no escândalo. Nesse contexto, o Ministro justificou sua decisão criticando o comportamento de alguns réus por terem viajado ao exterior na fase final do julgamento. Barbosa considerou que tal comportamento dava a impressão de serem pessoas fora do alcance da lei.

Na **charge 2**, o chargista projeta em seu discurso as vozes que representariam a opinião pública a respeito da entrega do passaporte. Tais vozes fazem reverberar sentidos de descrédito do povo nas ações tomadas pelos políticos. Ocorre nesse discurso uma crítica contundente ao sistema político brasileiro e um desacordo que podem ser percebidos *no dito*, por meio das expressões linguísticas e pela pontuação: “Não se deixe enganar...” e “Com certeza é falso!”. As reticências parecem demonstrar uma continuidade, no sentido de alertar para outros acontecimentos em que os políticos foram desonestos ou para promover uma reflexão sobre o contexto de corrupção circundante. Nesse sentido, a entonação do locutor – o chargista – fica evidente pela concordância com as vozes que propagam o descrédito nos políticos, a falsidade de suas ações e encaminha seu discurso para uma acentuação de valor negativa sobre a política brasileira.

Em *relação dialógica* a esses aspectos temos ainda marcas entonativas como o ponto de exclamação que faz surgir a ideia de “não há esperança, eles sempre escapam das penalidades, isto é comum”. Aqui a repulsa do povo – ilustrada pela *relação dialógica* entre os interlocutores - denota que o povo já não acredita mais nas boas intenções dos políticos. É essa *entoação*, essa *avaliação* comum da situação, que dá o tom de crítica à charge, causando também efeitos de humor. A entoação, nessa perspectiva, “estabelece um elo firme entre o discurso verbal e o contexto extraverbal” (VOLOSHINOV, 1926 [s.d.], p. 6).



Figura 2: Charge 2



Figura 3: Charge 3

Fonte: Charge 2 (Newton Silva para A Charge online), Charge 3 (Jarbas para o Diário de Pernambuco) In: Jornal das Charges <http://www.chargeonline.com.br/index.htm> - acesso em 01.12.12

A **charge 3** também faz parte desse universo dialógico de discursos sobre o *tópico* “apreensão dos passaportes”. Nesta charge, o locutor representa por meio de palavras e imagens a entrega do passaporte de *José Dirceu* (um dos acusados e então Ministro da Casa Civil) ao Ministro Barbosa. José Dirceu se mostra com uma expressão séria, fechada, em um *gesto* de possível desagrado com a situação, *presumido* não só pela sua expressão, mas igualmente pelo seu silêncio. Esse gesto de desagrado de Joaquim Barbosa e o martelo em tamanho grande entram em relação dialógica com a palavra “carimbadinha”, deixando entrever uma entonação irônica a respeito do *tópico*, uma vez que “carimbadinha” não tem sentido, nesta charge, de carimbada leve, ligeira, pequena, mas essa palavra toma sentidos de combate à corrupção. É importante notar que o locutor nesse discurso atribui valorações sociais e ideológicas positivas a respeito de atitudes tomadas pelo Ministro, concordando com vozes que também valoram dessa forma e discordando de vozes que porventura não aprovam as medidas tomadas por Barbosa.

O *gesto* de Barbosa, de se posicionar com o martelo, diga-se de passagem, bastante imponente, nessa relação do *dito* e do *não dito*, demonstra sua sede pela punição dos mensaleiros. Novamente o *gesto* une os dois elementos. O martelo<sup>4</sup>, por sua vez, possui toda

<sup>4</sup> A prática de *uso do martelo* se popularizou nos EUA, costume que se copiou da Inglaterra. A origem do instrumento se dá na mitologia escandinava, em referência a Thor – o deus dos trovões. Segundo a lenda, Thor seria o dono de um martelo mágico, cujo nome era Mjollnir, que nunca erra o alvo. Thor o segurava com luvas de ferro e um cinturão que duplicava sua força. O juiz, ao usar o martelo, faz menção a sua autoridade. Embora o martelo tenha toda essa simbologia, no Brasil, essa prática não se faz comum em julgamentos. Aqui o martelo é substituído por uma espécie de campainha – evolução da sineta, a qual representa, como nos navios, a disciplina e a ordem necessária ao ambiente (Amorim; Feijó, 2007).

uma simbologia na área jurídica, que faz alusão ao peso da justiça. O *gesto*, então, passa a ser um elemento fundamental nessa construção de sentido e essa sede de justiça entoada pelo Ministro abre espaço para a instauração de vozes que atribuem ao referido Ministro um status de herói por combater a corrupção. Na próxima parte dessa seção, analisaremos de que forma ocorre essa valoração em torno de Joaquim Barbosa.

### 3.3 Um novo herói brasileiro

O histórico de impunidade nos julgamentos políticos no Brasil remonta o ano de 1824, data de criação do STF. Esse fato faz com que alguns políticos brasileiros, na certeza da impunidade, cometam seus delitos “de colarinho branco” à vontade. O Ministro Barbosa, ao ter uma atitude ostensiva contra as barbáries da corrupção dos políticos – no caso do mensalão, tem ganho a opinião pública e parece que, pela primeira vez na história do Brasil, os políticos estão se amedrontando.

Nas sessões do julgamento do mensalão, Barbosa veste uma capa preta e longa que mantém certa formalidade e atribui a ele um ar de respeito. Essa forma de vestir tem dado ao Ministro igualmente um status de super-herói, que pode ser comparado ao Batman (herói das histórias em quadrinhos), de acordo com Dearo (2012). Barbosa<sup>5</sup>, bem como a personagem Batman, tem um histórico de vida sofrido. Ao mesmo tempo, Barbosa demonstra muita garra e inúmeras conquistas. Batman diferentemente dos demais super-heróis com poderes sobre-humanos usa apenas o intelecto e suas habilidades investigatórias na guerra contra o crime. Barbosa, por sua vez, se vale dos mesmos atributos.

Na **charge 4**, essa *relação dialógica* instaurada pela proximidade entre as duas histórias de vida - abordada anteriormente - não fica evidente se considerarmos apenas o *dito*. É necessário ter acesso ao contexto sócio-histórico e ao contexto pragmático *extraverbal* para construir esses sentidos e estabelecer um paralelo entre ambos Batman e Barbosa. Outro aspecto que chama a atenção, na charge 4, é o *gesto* de fuga e a *entonação* de pavor dos políticos que ficam *pequeninos* diante do *grande* Barbosa.

---

<sup>5</sup> Barbosa é afrodescendente, oriundo de uma família humilde do estado de Minas Gerais, cujos pais eram pedreiro e dona de casa. Aos 16 anos o garoto foi para Brasília, arrumou emprego no Correio Braziliense e terminou o ensino médio em uma escola pública. Obteve bacharelado em Direito na Universidade de Brasília, onde em seguida realizou Mestrado em Direito do Estado. Foi Oficial de Chancelaria do Ministério das Relações Exteriores, obteve aprovação no concurso para Procuradores da República e licenciou-se para estudar na França, onde realizou o seu Curso de Doutorado. É fluente nos idiomas francês, alemão, inglês e espanhol (STF, 2012)



Por meio desses elementos analisados, percebemos a ideia reverberada de que Barbosa seria, então, o "Batman" afrodescendente disposto a combater os criminosos de colarinho-branco da Gotham do Planalto. Há aqui um *entimema*, que nos permite construir esse sentido e nos permite observar a valoração positiva dada às atitudes políticas do Ministro.

A sátira, na charge 4, se dá também por intermédio da fala do Batman, comentando com o Super Homem sobre o “poder” de Barbosa, questionando o que ele teria de tão especial naquela capa. A palavra “capa” aparece em letra maiúscula, possivelmente para chamar a atenção à suposta semelhança entre a capa de Barbosa e a de Batman. No entanto, se Batman é conhecido de Barbosa o contrário não é recíproco. Esse desconhecimento e questionamento de Batman (o famoso e tradicional super-herói *ameaçado* de perder seu trono para um herói até então desconhecido), em relação a Barbosa, confere ironia ao texto.

Além disso, percebemos vozes sociais valorativas a respeito dos políticos envolvidos no escândalo. Na voz do super-herói que questiona o poder da capa, percebemos a mobilização da palavra “bandidos” para se referir aos políticos. Essa palavra faz surgir sentidos bastante negativos e uma *entoação* de que os políticos que participam do Mensalão são malfeitores sociais. Tais bandidos são combatidos pelo “herói Barbosa” por gestos aprovados socialmente em diversos discursos que circulam na mídia.

O questionamento por parte de super-heróis consagrados socialmente a respeito do “poder” da capa de Joaquim entra em *relação dialógica* com o *tópico* – Joaquim Barbosa como super-herói - da charge 5.



Figura 4: Charge 4

Fonte: Charge 4 - Blog conexões inevitáveis  
<http://conexoesinevitaveis.blogspot.com.br/2009/04/bate-boca-no-tribunal-joaquim-barbosa.html>  
 Acesso em 20.11.12



Figura 5: Charge 5

Fonte: Charge 5 (Samuca para o Diário de Pernambuco em 12.10.12)

In: Jornal das Charges

<http://www.chargeonline.com.br/index.htm>

Acesso em 01.12.12.

A **charge 5**, escrita para o Diário de Pernambuco, também faz alusão à figura do herói. No *dito* - no *elemento verbal* - o Ministro Joaquim Barbosa é chamado de *Super Joaquim*, referindo-se a ele como um SUPER-HEROI. Ao lado dele, está o Super-Homem, abaixo estão o Homem Aranha e o Batman. O verbo “*quero*” (no presente do indicativo) enfatiza o desejo do menino em adquirir o boneco. Aliado a essa avaliação de super-herói, no contexto extraverbal estão o *gesto* e a *entoação* de felicidade do menino ao ver o *Super Joaquim*, demonstrados por meio do sorriso e do braço levantado, apontando para o brinquedo de desejo.

O *contexto extraverbal* da charge 5 permite ainda construir outros sentidos. Quais sejam, o do próprio tema do herói, enquanto modelo e o de criança, enquanto futuro do país. Indo além da questão da semelhança da capa utilizada pelo Barbosa e pelo Batman, nos chama a atenção o fato de Barbosa ser comparado a um super-herói – que é fictício, e não a um herói humano. Essa relação se dá talvez pela falta de heróis reais, de modelos brasileiros que tivessem feitos parecidos ao do Ministro, pois a história nos aponta uma carência de atitude contra a impunidade política. Ou, ainda, quem sabe, pela ideia de que super-heróis são imortalizados, são seguidos, endeusados e dificilmente caem em esquecimento. O que ocorre é que heróis reais ou fictícios são necessários aos seres humanos, enquanto modelos sociais que são construídos por meio de uma memória coletiva.

A criança de hoje será o adulto que no futuro, enquanto cidadão precisará tomar uma posição ativa socialmente. Ela, em especial, necessita de modelos a serem seguidos e precisa também de modelos contra a impunidade política. Pois, a partir dessa relação, desse contato com o ‘herói’ esse indivíduo tem potencial de desenvolver uma postura não passiva, que se coloca e se posiciona contra a corrupção. Enfim, o discurso nessa charge dialoga tensamente com discursos que propagam a responsabilidade dos jovens para a mudança de um país. É a aceitação e acentuação positiva da instauração desse novo herói – um herói essencialmente político – que efetiva a valorização das atitudes do Ministro. Desse modo, diante do exposto, a relação entre o *elemento verbal* e o *contexto pragmático extraverbal* permite extrair significados outros, permite um contato com a unicidade na construção de sentidos.

Tais sentidos são ricos em sua natureza, pois são vinculados à vida social e abrem espaço para novos diálogos sociais e novos paradigmas políticos propagados em discursos. A próxima parte desta seção de análise estabelece relações dialógicas com o tópico – Joaquim Barbosa como super-herói – e traz à tona efeitos de sentido de luta contra injustiças e impunidades promovidas pelo Ministro em suas atitudes.

### 3.4 Fim da impunidade dos políticos

No Brasil, há um discurso social que circula principalmente na esfera midiática quando se refere ao contexto político, o qual segue: “*No Brasil, tudo acaba em pizza.*”, isto é, “*nunca dá nada*”, nunca se toma uma posição firme e se pune os responsáveis por algum ato que prejudique a sociedade. A **charge 6** acentua positivamente a luta contra a situação de tudo acabara em pizza, mostrando o Ministro Joaquim chutando uma pizza. Pelo *contexto pragmático extraverbal*, é possível associar, “ele está acabando com a impunidade”, ou seja, através das ações desse “herói” sentidos de punição aos culpados emergem por meio de seu *gesto* de chutar a pizza. Em seu rosto, a *entoação* e a avaliação quanto ao fato fica evidente.

A pizza personificada com um rosto e com voz, por sua vez, faz cara de quem não gostou – em um *gesto* de desagrado. A pizza, nesse contexto, representa a corrupção e a tradição de impunidade dos políticos. Sem o *presumido*, ou seja, sem entender as vozes sociais que surgem da figura da pizza, presente no *entimema* não é possível extrair sentido dessa charge, sendo ele, portanto, um elemento crucial para compreender esse gênero discursivo e sua função de crítica social.



Figura 6: Charge 6

Fonte: Charge 6 e Charge 7 (Nani para A Charge Online); - Acesso em 01.12.12.



Figura 7: Charge 7

Para finalizar, a fim de regozijar todos os brasileiros, o tópico da **charge 7** é a prisão de políticos corruptos, que, por sua vez, parece ser a consequência da atitude entoada na charge 6. A charge 7, dessa forma, mantém *relações dialógicas* com discursos que incitam a necessidade da prisão de políticos corruptos para que haja de fato justiça social no país. O discurso dessa charge, então, deixa entrever a expectativa sócio-ideológica acentuada de maneira positiva de que todo brasileiro deseja ver “os ladrões de colarinho branco atrás das grades – presos por seus

atos ilícitos”. Há aqui a presença de uma *relação dialógica* entre o dito “*E o sol quadrado em raios fúlgidos...*” e o não dito – “*Ouviram do Ipiranga as margens plácidas...*”, que faz alusão ao hino nacional brasileiro. Verifica-se, assim, um discurso que retoma outro, ficando evidente a presença marcada de diversas vozes sociais. Essa multiplicidade de vozes, aliada ao *gesto* de pavor, surpresa e indignação dos mensaleiros, confere um tom irônico ao discurso.

#### 4. Palavras finais

O discurso na vida se efetiva através do discurso verbal e da situação pragmática extraverbal que o engendra. Tal discurso não pode ser separado desses dois aspectos sem perder sua significação, uma vez que a situação extraverbal está longe de ser causa externa de um enunciado.

De acordo com a teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, a relação entre o verbal e não-verbal, entre o dito e o não-dito se dá por meio da entoação, do gesto, do conhecimento do contexto extraverbal e do espaço comum dos participantes do discurso, assim como da parte percebida e parte presumida – o entimema e ainda das relações entre falante, interlocutor e herói. São todos esses elementos, indissolúveis no todo do enunciado, e, por meio das relações dialógicas entre eles [os elementos] os sentidos se constroem e se (re)atualizam a cada novo contexto de uso da linguagem.

Tentamos, nesse estudo, mostrar de que forma esses elementos se entrelaçam, através da análise de uma sequência de charges sobre fatos do MENSALÃO. A charge, embora seja um discurso conciso e curto, se constrói na complexidade de elementos verbais e extraverbais. Desse modo, configura um texto bastante complexo, crítico e essencialmente dialógico. Devido a tais características, os elementos mencionados se mostram eficientes na construção de um alicerce profundo para uma análise rica da charge.

Assim, percebemos, por meio das análises, que cada charge fez emergir diversos outros discursos que circulam socialmente sobre a situação da política brasileira. Apareceram desse modo, vozes que acentuam positivamente a luta contra a impunidade, vozes sociais que acentuam negativamente o desvio de olhar midiático para outras questões como o futebol, por exemplo. Entender tais valorações torna-se relevante do ponto de vista social, uma vez que possibilita-nos construir um olhar crítico a respeito de um assunto que afeta diretamente a vida dos sujeitos. Do ponto de vista teórico, tais discussões, à luz da teoria bakhtiniana, ampliam as

possibilidades de aplicação de conceitos teóricos e filosóficos em discursos reais, vivos e dinâmicos como é o caso das charges analisadas.

Por fim, salientamos que as charges aqui exploradas, foram vistas apenas sob um olhar teórico. No entanto, uma abordagem dialógica do discurso sempre abre discussão para diversos outros olhares teóricos possíveis. Assim, almejamos que o debate a respeito desses discursos não se esgote neste estudo, outros aspectos podem ainda ser considerados, uma vez que as vozes sociais a respeito de um *herói* são múltiplas e inconclusas na cadeia da comunicação discursiva.

### Referências bibliográficas

AMORIM, C.; FEIJÓ, B. Para que serve aquele martelo usado por juízes? **Revista Galilei: o prazer de conhecer**. Edição 187 – fevereiro, 2007. [acesso em 01.12.2012]. Disponível em <http://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,6993,ECT705278-1716-6,00.html>

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato**. São Carlos: Pedro & João Editores, (2010) [1920].

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. [1929]. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 1999.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. (2011). **Estética da criação verbal**. SP: Martins Fontes, (1979) [1952-53].

\_\_\_\_\_. (2011). **Estética da criação verbal**. SP: Martins Fontes, (1979) [1952-53].

\_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance** [1975]. Trad. Aurora F. Bernardini et. al. 4. ed. São Paulo: Editora da UNESP, Hucitec, 1998.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V. N.) **Marxismo e Filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. (1929). Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

DEARO, G. Fabricante de máscaras de borracha diz: o Joaquim Barbosa é o Batman. **Revista Veja** – Política & Cia, outubro, 2012. [acesso em 25.10.12] Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/fabricante-de-mascaras-de-borracha-diz-o-joaquim-barbosa-e-o-batman/>

DUARTE, L. (2007). **Mensalão**. Em: InfoEscola: navegando e aprendendo, setembro de 2007. [acesso em 08.10.2012] Disponível em <http://www.infoescola.com/politica/mensalao/>

EGUTI, C. A. (2001). **A Representatividade da oralidade nas Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, Dissertação.

FARACO, C. A. (2009). **Linguagem & Diálogos: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial.

SILVA, D. B. (2005). A charge em sala de aula. **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**. [acesso em 10.02.2012] Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/5/03.htm>

SOBRAL, A. (2009). **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. (1926). **Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica)**. Tradução de Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza. Circulação restrita, [s.d.]. p. 1-16.

BIOGRAFIA DE JOAQUIM BARBOSA – [acesso em 01.12.12] Disponível em:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim\\_Barbosa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_Barbosa)

BLOG CONEXÕES INEVITÁVEIS – [acesso em 20.11.12] Disponível em:

<http://conexoesinevitaveis.blogspot.com.br/2009/04/bate-boca-no-tribunal-joaquim-barbosa.html>

BLOG DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO – [acesso em 20.11.2012] Disponível em:

<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes/?p=66723>

ESCÂNDALO DO MENSALÃO – [acesso em 08.10.2012] Disponível em:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Esc%C3%A2ndalo\\_do\\_Mensal%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Esc%C3%A2ndalo_do_Mensal%C3%A3o)

EPISÓDIO DOS PASSAPORTES – Estadão – [acesso em 09.11.2012] Disponível em:

<http://estadao.br.msn.com/ultimas-noticias/mensalao/story.aspx?cp-documentid=254656529>

JORNAL DAS CHARGES - O melhor do humor gráfico brasileiro na Internet - ano XVII-

[acesso em 01.12.2012] Disponível em: **Online** <http://www.chargeonline.com.br/index.htm>

JULGAMENTO DO MENSALÃO - Estadão – [acesso em 06.12.2012] Disponível em

<http://topicos.estadao.com.br/mensalao>

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL – [acesso em 20.11.2012] Disponível em:

<http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=39>

Artigo recebido em: 22.12.2013

Artigo aprovado em: 28.02.2014